

1997

OS IRMÃOS RAFAEL E GABRIEL E A FAIXA DE PEDESTRE

(UM MUNDO DE RESPEITO)

KARLA MENDES

Fazer o sinal de braço na faixa de pedestre e os carros não pararem? Isso não faz parte do mundo dos irmãos gêmeos Gabriel Assis dos Santos (à direita na foto) e Rafael Assis dos Santos, nascidos na capital federal quatro dias depois do início da vigência da lei que pune os motoristas que avançam sobre a faixa quando alguém estiver atravessando a rua.

Nas ocasiões em que viajaram com os pais para Porto Seguro, Rio de Janeiro, Fortaleza, Rio e Caldas Novas, os pequenos acharam muito estranho os motoristas não frearem para eles atravessarem. "Teve uma vez que a gente ficou com o braço dando sinal igual bobo, e os carros não pararam", lembra Gabriel. Mas mesmo existindo a lei em Brasília, os irmãos foram educados a ter cautela sempre. "Minha mãe sempre diz que depois de dar o sinal de mão,

a gente tem que ter certeza que o carro parou", conta Rafael.

Os pais dos gêmeos foram agentes difusores das campanhas educativas da faixa de pedestre. A mãe, a professora Flávia Assis dos Santos, teve papel fundamental em sala de aula. "Na implantação, como tudo que é novo, as pessoas estavam muito empolgadas. No início, foi difícil a gente se acostumar, mas um dos grandes ganhos para a educação é a faixa de pedestre. Hoje é uma coisa tão natural quanto o cinto de segurança. A gente fica chateado quando os motoristas não param", observa. O pai, que na época era funcionário do Detran, atuou ativamente na campanha disseminada por toda a capital federal. "O Detran tem um grupo de teatro e o meu marido era o Stop, o palhacinho feliz", comenta Flávia.

Ela recorda que, na viagem que a família fez a Recife algum tempo depois da implantação da lei, seus filhos ficaram surpresos e bravos

Gustavo Moreno/CB/D.A. Press



PARA OS DOIS GAROTOS, O ANORMAL É, EM OUTRAS CIDADES, OS MOTORISTAS NÃO PARAREM NAS LISTRAS BRANCAS

E MAIS

O ano de 1997 começou movimentado. Em 13 de janeiro, a Suprema Corte dos EUA começou a investigar denúncia de Paula Jones de assédio sexual contra Bill Clinton. Em 23 de fevereiro, cientistas britânicos apresentaram o clone Dolly, reprodução de uma ovelha. Em Brasília, na madrugada de 20 de abril, cinco rapazes de classe média atearam fogo no cacique Galdino Jesus dos Santos, da tribo pataxó, que dormia num ponto de ônibus na Quadra 703 Sul.

quando colocavam a mãozinha antes de atravessar e os motoristas desdenhavam. "O Rafael até chorou", lembra.

Educação

Em Brasília, entretanto, até que o processo educativo se consolidou, o período de transição não foi pacífico. As primeiras 24 horas de vigência da lei foram marcadas por 650 multas e muita discussão entre motoristas, guardas

de trânsito e pedestres. Em 1998, a campanha pelo respeito à travessia de pedestres surte efeito. O número de faixas passa de 600 para 1.048. Em um ano, cai o número de pedestres atropelados sobre as listras brancas. A despeito do avanço, no ano passado 454 pessoas perderam a vida no trânsito da cidade. A análise deve levar em conta o aumento da população de 1,8 milhão para os atuais 2,5 milhões. Nesse período, a frota de veículos quase dobrou, passando de 585 mil para mais um milhão.

Mas ainda há espaço para melhorar. Em 1997, foram duas vidas perdidas em atropelamentos na faixa, número que caiu para uma em 1998 e voltou a duas em 2008. Nesse intervalo, porém, foram registrados números críticos. Em 2005 foram sete e, em 2006, 10 pessoas morreram nas listras brancas. Reportagem publicada pelo Correio em 2 de abril mostrou que a maioria dos brasilienses afirmam que a travessia na faixa não oferece segurança total.